



Trailers e quiosques improvisados são a única opção de comércio para os moradores do Lago Norte. Quem precisar de algum produto mais sofisticado, tem que ir até a Asa Norte. O lazer também é precário

# Lago Norte improvisa o comércio

Amaral Sales

O Lago Norte, apesar das suntuosas residências construídas e de manter o status de área nobre, é uma localidade onde falta tudo em termos de comércio legalizado. Sua comunidade, em torno de 30 mil habitantes, reclama do governo uma rápida solução que atenda às necessidades mais elementares como padarias, escolas, farmácias, prestadores de serviços, unidade de assistência médica e outras. Em um percurso de 18 quilômetros reunindo 16 quadras, o Lago Norte dispõe atualmente de apenas duas padarias, três farmácias, dois mercados e dezenas de trailers e bioscas que servem de paliativos na ausência de comércio organizado.

O local para a implantação de uma área comercial no Lago Norte já está definido. Fica próximo às instalações da Caesb, onde também será erguido o shopping daquele setor. A previsão é de que serão destinadas 26 projeções, com 98 lotes comerciais cada, vendidas através de licitação pública pela Terracap, que acontecerá no próximo mês de junho. Porém, a Associação Comercial e Industrial do Lago Norte (Acilan) e a prefeitura local, estão solicitando do GDF que três projeções sejam reservadas apenas para aqueles que desenvolvem atividades comerciais de forma ilegal já há muitos anos no Lago Norte.

"Nossa intenção é promover o desenvolvimento da Península Norte de forma ordenada e com atividades que não comprometam o meio ambiente, como confecções, indústrias de componentes de computadores, instrumentos musicais e outras", esclarece o presidente da

Acilan, José Humberto Amorim. Ele explica que no Lago Norte existem algumas pequenas indústrias de fundo de quintal que necessitam de regularização. Quanto ao comércio formal, cita a existência de apenas três: nas quadras 02, 13, e 15.

**Carência** — Outra reivindicação da Acilan é para que o GDF destine três lotes com áreas maiores para a instalação de casas de materiais de construção e oficinas mecânicas. Há cerca de 13 anos, aproximadamente de 15 caminhoneiros fazem o transporte e venda de areia, brita, entulho, saibro, e qualquer serviço necessário a uma construção. Hoje, instalados precariamente na entrada do Lago Norte, eles reivindicam um setor apropriado para exercer sua atividade. João Pereira de Moraes, dono de caminhão, que desde 1977 serve o Lago Norte, reclama: "Já está na hora de termos nossos lotes para instalarmos casas de material de construção". João solicita ainda que o prazo de retrovenda seja ampliado de dois anos e meio para cinco anos, para que os menos favorecidos tenham tempo de erguer seus estabelecimentos comerciais.

O plano urbanístico do Lago Norte é outro ponto de polêmica entre os 98 associados da Acilan. De acordo com o presidente da entidade, este plano deveria ser revisto pelo GDF, dotando aquele setor de comércio em todas as quadras — como é no Plano Piloto — e não somente num único local, como está previsto. Após concluído, o modelo de comércio para o Lago Norte prevê ainda a criação da Praça da Cultura, onde serão construídos quiosques para lanchonetes, restaurantes e outras opções de lazer.

## Prefeitura pede mais atenção

A Prefeitura do Lago Norte, que já ganhou um terreno para edificar a sua sede, na QI 03, Bloco F, onde também será instalada uma agência do BRB, com início das obras previsto para junho, reivindica também do GDF uma série de melhorias para aquela localidade. O prefeito Marcos Pimenta afirma que o transporte público, a ausência de assistência médica, tanto particular como do governo, falta de restaurantes e de segurança, são alguns dos problemas que afligem sua comunidade.

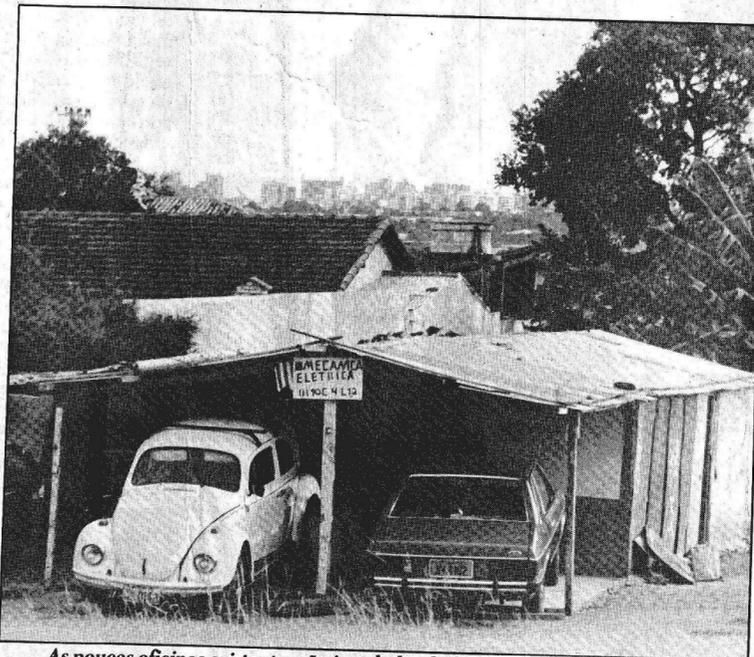
"Os táxis do Lago Norte, que fazem ponto em dois locais, extremamente precários, são os verdadeiros heróis deste setor, pois buscam desde remédios a alimentos, levando e trazendo uma variedade de itens só encontrados em locais distantes daqui", observa Pimenta. O prefeito diz ainda que, um impulso maior do governo no desenvolvimento do comércio e da indústria no Lago Norte, seria de extrema importância para o aproveitamento da mão-de-obra ociosa existente na Vila Paranoá e no Varjão, que teria melhor oferta de empregos.

Ismerindo Valeriano da Silva, que trabalha há anos no Lago Norte no ramo de frete, fala também da ausência de jardins de infância no setor. "Todos os dias tenho que me deslocar cerca de 40 quilômetros, ida e volta, até a 304 Norte, para levar minha filha de cinco anos à escola", conta.

Outro antigo conhecedor dos problemas do Lago Norte é Francisco Rocha de Carvalho, proprietário de uma firma de manutenção e limpeza de piscinas, prestando serviços, inclusive, há seis anos, à Casa da Dinda, onde mora o presidente Fernando Collor. Ele lembra que chegou ao Lago Norte em 1973 quando "só havia mato e algumas sirismas correndo entre a vegetação". Naquela época fazia a limpeza de piscinas construídas em antigas chácaras. "Com 17 anos de serviços prestados à Península Norte, tudo o que tenho é uma mesa em um canto do Posto Cascão, na QI 02, pelo qual pago aluguel para fazer meus negócios", reclama. A mesma mesa utilizada para os negócios de Chico Rocha, serve também a Associação Comercial e Industrial do Lago Norte.



Esta é uma das cenas mais comuns: vendedores expõem seus produtos nas calçadas



As poucas oficinas existentes são instaladas de forma precária em barracões

## Comunidade espera Roriz

O Lago Norte receberá no próximo sábado às 12h, a visita do governador Joaquim Roriz, quando será anunciado o programa de obras para aquela localidade. O encontro vai ser no terreno destinado à construção do prédio da prefeitura, na QI 03. A expectativa é de que cerca de quatro mil pessoas compareçam para ouvir o governador, que receberá certamente muitas reivindicações sobre os mais variados assuntos. A prefeitura do Lago Norte chegou a convidar o presidente Fernando Collor para participar.

Uma das iniciativas que serão relatadas a Roriz diz respeito à criação pela prefeitura do Lago Norte, de cooperativas para a construção das lojas no terreno destinado ao comércio local. A ideia, segundo o prefeito Marcos Pimenta, é que os comerciantes autofinanciem a construção de seus estabelecimentos com o sistema cooperativista. De acordo com cálculos de Pimenta, uma loja de tamanho convencional não custaria mais de Cr\$ 200 mil por proprietário, se a compra de material de construção for feita por cooperativas.

Com relação às reivindicações da comunidade do Lago Norte, feitas à Terracap, para que três projeções de lotes comerciais sejam destinadas a aqueles comerciantes antigos do local, o presidente da empresa, Humberto Ludovico, garantiu estar fazendo o possível para dotar de infra-estrutura o maior número de lotes a serem licitados no próximo mês de junho, em data ainda a ser definida. Sobre a possibilidade de a Terracap isentar os comerciantes do Lago Norte de participarem da licitação, segundo assessores da presidência da empresa, falta ainda uma decisão política por parte do governador Joaquim Roriz.

**Invasão** — A prefeitura do Lago Norte faz ainda uma denúncia ao GDF, afirmando que o Clube do Congresso invadiu uma área verde pertencente à comunidade, em cerca de 75 mil metros quadrados. O prefeito Marcos Pimenta, disse que as autoridades competentes prometeram fazer o levantamento topográfico da área para apurar a irregularidade. "Não é possível que um terreno tão grande seja invadido impunemente, quando teria o clube que estar pagando aproximadamente Cr\$ 10 milhões mensais em tributos ao governo, de acordo com a lei que dispõe sobre o uso do solo", alerta.

Outra reivindicação da comunidade do Lago Norte, segundo Pimenta, é a doação de um lote para a construção de uma escola de profissionalização para o primeiro e segundo graus — que possa atender também as comunidades do Varjão e Paranoá, — e a retirada da invasão localizada na QL 04/06.